

A importância das adaptações pedagógicas no processo de musicalização de alunos com deficiências múltiplas

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

João Lucio de Moraes
Universidade Estadual Paulista – Unesp- SP
luciomusicalizando@yahoo.com.br

Resumo: Este texto faz parte de uma pesquisa em andamento em uma universidade pública e relata algumas propostas em educação musical realizadas em sala de aula com alunos com deficiências múltiplas. Uma parceria entre um educador musical e uma terapeuta ocupacional permitiu um trabalho com adaptações pedagógicas e o uso de suportes de tecnologia assistiva com a finalidade de facilitar a participação ativa dos alunos no processo de musicalização. As aulas de música foram divididas em momentos de apreciação, percepção e prática musical coletiva.

Palavras-chave: Educação musical. Deficiências múltiplas. Adaptações pedagógicas.

Abstract: This text is part of an ongoing research held in a public university and reports some proposals in music education carried out in class with students with multiple disabilities. A partnership between a music teacher and an occupational therapist has allowed a work with pedagogical adaptations and the use of supports of assisted technology aimed to make their active participation easily in the process of musicalization. Music classes have been divided in moments of appreciation, perception, and musical practice in groups.

Keywords: Music education. Multiples disabilities. Pedagogical adaptation.

1. O perfil dos alunos que participaram das atividades de educação musical

A deficiência múltipla é caracterizada pela presença de mais de uma deficiência associada à outra como, por exemplo, deficiência intelectual associada a dificuldades de locomoção, perda auditiva, etc.

Os alunos que participaram das atividades de educação musical estão na faixa etária de 12 a 25 anos. Nesta pesquisa houve um foco nos alunos com Paralisia Cerebral, um quadro em que “parte do cérebro que controla os movimentos sofre uma lesão ou não se desenvolve adequadamente” (O’REGAN, 2007, pag. 39). As causas mais comuns são lesões no feto em desenvolvimento (infecções virais, drogas, prematuridade, falta de oxigênio, lesões, etc). As sequelas também variam de acordo com a gravidade do caso. Geralmente os movimentos dos membros superiores e inferiores são afetados de forma leve ou severa. Quanto à topologia corporal podemos definir como hemiplégica a pessoa que tem metade do

corpo é afetada, diplérgica quando são afetadas as duas pernas e tetraplérgica quando ambos os braços e pernas são afetados.

O grau de comprometimento intelectual também pode variar de acordo com as causas do mesmo modo que os comprometimentos motores.

2. Principais dificuldades que as pessoas com deficiências múltiplas encontram na prática musical

Como foi citado anteriormente, dependendo do local e gravidade da lesão, o aluno pode apresentar algumas características como: movimentos dos membros superiores e inferiores comprometidos o que faz com que a movimentação seja lenta, dissimétrica (desorganizada) ou espasmódica (involuntários). Esta condição dificulta a prática musical de forma tradicional, em um instrumento específico e no seu manuseio de uma forma convencional de acordo com uma técnica de digitação (em instrumentos de teclado), dedilhados (instrumentos de cordas), e toques (instrumentos de percussão em geral e com baquetas) como um facilitador dessas práticas musicais algumas adaptações pedagógicas foram realizadas, além do uso da tecnologia assistiva como será exposto adiante.

A questão rítmica mais elementar como marcar o pulso de uma música, o primeiro tempo de um compasso, ou uma célula rítmica presente em algum gênero ou estilo musical, exige do aluno um domínio da coordenação motora fina que não foi desenvolvida pelos motivos citados anteriormente.

O aluno com deficiência múltipla possui características específicas quanto ao trabalho motor, porém em alguns casos possui o aspecto cognitivo sem alterações significativas o que proporciona ao mesmo uma compreensão de tudo o que acontece com o grupo durante as aulas e procura participar de uma forma ativa de todas as propostas sugeridas, principalmente nas aulas de educação musical.

O desenvolvimento de movimentos precisos que obedeçam aos comandos de um regente para entradas, sinais de agógica e cortes nem sempre é alcançado em curto prazo e na maioria das situações são necessárias adaptações pedagógicas para que o aluno possa participar efetivamente das atividades.

3. A escola de educação especial como um preparo do aluno para a inclusão social

As escolas de educação especial normalmente estão adaptadas para auxiliar o aluno para que o mesmo alcance a sua independência nos aspectos cognitivo, social, profissional e motor. Com um currículo adaptado às necessidades educacionais dos alunos, a escola especial prepara o aluno para a inclusão social e o seu ingresso na rede regular de ensino. Suas salas possuem um número reduzido de alunos para que um trabalho individualizado seja realizado. O apoio técnico de uma equipe multidisciplinar formada por psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais acompanha o desenvolvimento integral dos alunos. No caso específico das aulas de música, há uma orientação ao professor por parte da terapeuta ocupacional sobre as adaptações necessárias para que o aluno possa participar ativamente das práticas musicais.

4. A necessidade de adaptações pedagógicas

No trabalho realizado, seja em uma sala de inclusão ou de uma escola especial os profissionais envolvidos devem estar atentos as características individuais dos alunos para que possam realizar as devidas adaptações pedagógicas. O termo pode ser definido como “um processo compartilhado de tomadas de decisões para ajustar a resposta educativa às diferentes características e necessidades dos alunos” (COLL, 2004, pag. 287).

As adaptações pedagógicas acontecem em todas as disciplinas da grade curricular e devem “assegurar que o conteúdo das adaptações cumpra determinados parâmetros e seja orientado a facilitar aos alunos seu máximo desenvolvimento pessoal e social para uma vida adulta autônoma e plena” (COLL, 2004, pag.288).

Nas aulas de música as adaptações devem ocorrer a todo o tempo. Seja nas adaptações dos conteúdos para os alunos com dificuldades cognitivas, ou na elaboração de adaptações para os alunos com um maior comprometimento motor, com o intuito de “atender a condições específicas necessárias, de modo a obter maior participação do aluno” (BRASIL, 1997, pag. 120).

Em nosso relato, as adaptações que serão descritas se referem ao segundo caso, ou seja, para alunos com um comprometimento motor.

Um princípio básico da adaptação em música é citado por Viviane Louro em relação ao arranjo de uma peça musical: “não adaptamos os alunos ao arranjo musical feito, mas antes, adaptamos à música às possibilidades e limitações dos alunos” (LOURO, 2006, pag. 85).

5. A tecnologia assistiva como elemento auxiliar na musicalização

O terapeuta ocupacional se utiliza da tecnologia assistiva para realizar as adaptações necessárias para que o aluno participe ativamente em suas atividades diárias. No trabalho com o educador musical estas adaptações são realizadas para que a prática musical aconteça de uma forma que facilite ao aluno o manuseio de instrumentos musicais de teclas, de percussão e de sopro. Essa tecnologia assistiva pode ser realizada por adaptações dos instrumentos como veremos nos exemplos e nas adaptações realizadas com o uso de órteses prescritas pela terapeuta.

6. Relato de algumas soluções encontradas em sala de aula ao se fazer o uso das adaptações pedagógicas e da tecnologia assistiva

Os conteúdos de música são divididos em: apreciação, percepção e prática musical. Em apreciação musical o conhecimento dos timbres e das características básicas dos instrumentos de orquestra e de música popular além de uma introdução aos gêneros e estilos musicais que são apresentados e discutidos com a sala.

Quanto à teoria e percepção, foram realizados exercícios de identificação dos parâmetros sonoros como altura, duração, timbre, andamento e dinâmica.

Nas práticas musicais coletivas utilizamos instrumentos de percussão em geral (tambores variados tocados com as mãos, com baquetas, chocalhos, ganzás e pandeiros), que em um primeiro momento são apresentados e explorados pelos alunos de uma forma livre, o que proporciona um momento de descoberta das possibilidades sonoras de cada instrumento introduzido nas aulas. Um trabalho de técnica instrumental é realizado após este período de exploração livre.

O agrupamento de alunos é heterogêneo quanto às necessidades educacionais de cada um, pois as deficiências variam de acordo com as suas peculiaridades (uma determinada síndrome possui algumas características que são comuns, independente dos diferentes graus de comprometimento intelectual ou de outra natureza). Enquanto o obstáculo a ser transposto para alguns era a compreensão intelectual das atividades acadêmicas como apreciação, identificação, classificação, sem um limite para as atividades físicas, para outros havia um comprometimento motor que dificultava a prática do conteúdo que era ouvido, apreciado e discutido nas aulas teóricas.

Uma solução encontrada para que um dos alunos participasse ativamente da prática musical será descrita com mais detalhes e outras soluções de uma forma mais pontual.

Um aluno com paralisia cerebral que possui movimentos lentos dos membros superiores, porém com o aspecto cognitivo pouco afetado em relação ao comprometimento motor, participava de uma forma ativa em debates, em exercícios de apreciação musical, em princípios de percepção musical, etc.

Devido ao comprometimento motor dos membros superiores algumas atividades eram realizadas com êxito como segurar baquetas, cabos de chocalhos, etc. Seus movimentos não apresentavam a regularidade esperada, e não conseguia atingir naquele momento a precisão que os demais componentes do grupo, que apesar das dificuldades intelectuais apresentadas, conseguiam em várias ocasiões executar de forma regular alguns rudimentos musicais como marcar o pulso de gêneros musicais variados, parar de tocar ao comando de corte ou iniciar uma música a partir de um gesto de entrada.

Notou-se que a aula era prazerosa ao aluno nos momentos de apreciação e discussão, mas passou a ser constrangedora na prática musical coletiva, pois os instrumentos musicais utilizados deixavam em evidência a precisão ou não da marcação rítmica. Violeta de Gainza ao escrever sobre expressão musical nos alerta que “apenas quando é adquirida a capacidade de emitir respostas musicais face aos estímulos sonoros é que se completa o processo de musicalização”(GAINZA,1988, p. 28).

Após um contato com a terapeuta ocupacional que acompanhava a sala semanalmente e sugeria aos educadores adaptações para que os alunos pudessem realizar as atividades propostas, e uma avaliação diagnóstica feita pelos dois profissionais sobre as condições e possibilidades do aluno, chegou-se a um ponto importante: como este aluno se expressava verbalmente expondo idéias, identificando instrumentos, gêneros musicais e elementos dos parâmetros sonoros, o trabalho de prática musical deveria ser direcionado para a região do corpo em que o mesmo possuía uma maior facilidade para se expressar: a boca.

A prática do canto requeria do aluno um grande esforço físico com um resultado sonoro não satisfatório para o mesmo que possuía um senso crítico acentuado. A alternativa encontrada após uma discussão com a terapeuta ocupacional além de algumas sugestões de uma professora em um curso de especialização quanto às possibilidades de adaptações pedagógicas. O instrumento escolhido foi um apito, devido as suas características físicas: não é pesado a ponto de causar fadiga no aluno e não exigia uma grande quantidade de ar para ser tocado.

Uma atividade sugerida na prática musical foi após identificar o pulso regular em um ritmo quaternário tocado por uma bateria eletrônica, o aluno procurava contar os quatro tempos passando em seguida a contar apenas o primeiro tempo do compasso. O andamento

sugerido foi lento com pausas para que o aluno pudesse descansar de seu esforço para o controle regular do diafragma.

Em outro momento foi oferecido um apito com o seu respectivo cordão de sustentação e foi sugerido que o aluno tentasse soprar o apito em sincronia com o primeiro tempo do compasso. Nas duas primeiras semanas de atividades as respostas rítmicas foram bastante irregulares e o aluno fez vários intervalos para descansar devido à concentração e esforço exigidos. A partir da terceira semana de atividades houve uma melhora considerável dos acentos sincronizados do apito com a bateria eletrônica o que permitiu um aumento gradual do andamento e da resistência do aluno que passou a interromper as atividades com menores intervalos.

Após atingir um andamento moderado e conveniente para a marcação do compasso de alguns ritmos de música popular (rock, samba, etc), o aluno passou a tocar com os demais alunos que tocavam instrumentos de percussão como chocalhos, pandeiros, surdos, repeniques, etc.

Constatou-se que após estas atividades o aluno continuou entusiasmado com as aulas tanto durante as atividades de apreciação e discussões quanto na prática musical coletiva, contribuindo com o grupo de forma prazerosa e adaptada de acordo com suas possibilidades.

Um princípio do pensamento de Shinichi Suzuki: “repetir as atividades até que elas aconteçam naturalmente, fácil e simplesmente” (SUZUKI, 1994, p.45), norteou algumas práticas neste trabalho e proporcionou ao aluno a possibilidade de desenvolver suas habilidades dentro do seu ritmo, de seu tempo.

7. Outras soluções encontradas

Por questão de espaço serão pontuadas algumas soluções encontradas em duas situações sem um detalhamento do processo como no primeiro exemplo.

Uma adaptação de um pandeiro em uma base de madeira e suspenso no ar permitiu que um aluno com um comprometimento motor menos acentuado que o aluno do primeiro exemplo pudesse explorar as sonoridades desse instrumento em que a técnica elementar apresenta certo grau de dificuldade de execução mesmo para pessoas sem dificuldades de movimentação.

Para outro aluno que devido a um comprometimento motor que apresentava dificuldades em trabalhar no pulso da música, os arranjos foram adaptados para um grupo de

instrumentos de efeito com um móbile construído com tampas de garrafas pet, confeccionado por outros alunos sem um comprometimento motor. Nos arranjos o instrumento era manipulado em diferentes momentos das musicas tocadas pelo grupo.

Considerações finais

A utilização de adaptações pedagógicas na musicalização de alunos com deficiências múltiplas é algo que deve ser buscado a cada dia pelo educador musical. Um ponto que deve ser ressaltado é a importância de uma abordagem individual que supra as necessidades de cada aluno, respeitando suas peculiaridades ao mesmo tempo proporcionando meios sejam eles de adaptações de conteúdos como arranjos musicais com instrumentação, ritmos, andamentos e funções distintas dentro do grupo. Quanto às adaptações físicas torna-se necessária a presença constante ou uma assistência de um profissional de saúde, no caso desse trabalho uma terapeuta ocupacional auxiliou a potencializar as possibilidades de prática musical dos alunos.

Referências:

BRASIL. Secretaria de Educação especial. *Deficiência Mental*. Org: Erenice N. S. Carvalho. Brasília: SEESP, 1997.

COLL, César (org). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOURO, Viviane dos Santos. *Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas*. São José dos Campos, SP: Ed. Do Autor, 2006.

GAINZA, Violeta Hensy de. *Estudos de psicopedagogia musical*. São Paulo: Summus, 1998.

O'REGAN, Fintan. *Sobrevivendo e vencendo com necessidades educacionais especiais*; Tradução Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SUZUKI, Shinichi. *Educação é amor: Um novo método de educação*. Santa Maria: Alloti, 1994.